

SOCIOLOGIA DA LINGUAGEM E SUA RELAÇÃO COM A MACRO E A MICROSSOCIOLINGÜÍSTICA

SOCIOLOGÍA DEL LENGUAJE Y SU RELACIÓN CON LA MACRO Y LA
MICROSSOCIOLINGÜÍSTICA

SOCIOLOGY OF LANGUAGE AND ITS RELATIONSHIP WITH MACRO AND
MICROSSOCIOLINGUISTICS

Cristine G. Severo*

Edair Görski**

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: O artigo discorre sobre como a sociologia da linguagem – em sua relação com a macro e a microssociolinguística – se organiza enquanto campo do saber, o que inclui sua delimitação, os temas, a orientação teórico-metodológica e os objetos. Interessamos averiguar o percurso histórico de constituição da sociologia da linguagem na sua relação com a sociolinguística, atentando para a maneira como essa constituição influenciou e foi influenciada, também, pela definição do próprio campo sociolinguístico. Para tanto, dois elementos são explorados e apresentados: i) a emergência e a consolidação do campo da sociologia da linguagem em diálogo com a noção de macrosociolinguística, com base nos trabalhos de Joshua Fishman; e ii) a microssociolinguística e a sua relação com a sociologia da linguagem, a partir dos estudos de William Labov. Este artigo pretende dialogar com o diagnóstico feito por Fishman (1991) sobre uma crise de meia-idade na sociolinguística, atentando para a dimensão social que atravessa os dois eixos, macro e micro, dessa área.

PALAVRAS-CHAVE: Sociologia da linguagem. Fishman. Macrosociolinguística. Microssociolinguística.

RESUMEN: El artículo discute cómo la sociología del lenguaje –en su relación con la macro y microssociolingüística– se organiza como un campo de conocimiento, que incluye su delimitación, temas, orientación teórico-metodológica y objetos. Nos interesa investigar el curso histórico de constitución de la sociología del lenguaje en su relación con la sociolingüística, prestando atención a la forma en que esta constitución influyó y fue influenciada por la propia definición del campo sociolingüístico. Para ello, se exploran y presentan dos elementos: i) sobre el surgimiento y consolidación del campo de la sociología del lenguaje en diálogo con la noción de macrosociolingüística, a partir de los trabajos de Joshua Fishman; y ii) sobre la microssociolingüística y su relación con la sociología del lenguaje, a partir de los estudios de William Labov. Este artículo pretende dialogar con el diagnóstico realizado por

* Pesquisadora nível 2 do CNPq. Professora associada IV da Universidade Federal de Santa Catarina e docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC). Lidera o grupo de pesquisa Políticas Linguísticas Críticas e Direitos Linguísticos (CNPq). Email: crisgorski@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2758-6668>.

** Professora adjunta IV aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina, atuando como voluntária no Programa de Pós-Graduação em Linguística dessa instituição na área de Sociolinguística e Dialectologia. E-mail: edagorski@hotmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0009-0003-0705-5418>.

Fishman (1991) sobre una crisis de la mediana edad en la sociolingüística, prestando atención a la dimensión social que atraviesa los dos ejes, macro y micro, de esta área.

PALAVRAS CLAVE: sociología del lenguaje; Fishman; macrosociolingüística; microsociolingüística.

ABSTRACT: The article discusses how the sociology of language – in its relation to macro and micro sociolinguistics – has been organized as a field of knowledge, which includes its delimitation, themes, theoretical-methodological orientation and objects. We explore the historical trajectory of the constitution of the field of sociology of language in its relationship with sociolinguistics, paying attention to the way in which this constitution influenced and was also influenced by the definition of the sociolinguistic field itself. To this end, two elements are analysed: i) the emergence and consolidation of the field of sociology of language in dialogue with the notion of macrosociolinguistics, based on the works of Joshua Fishman; and ii) the relation between microsociolinguistics and sociology of language, based on the studies of William Labov. This article intends to dialogue with the diagnosis made by Fishman (1991) about a mid-life crisis in sociolinguistics, by focusing on the social dimension underlining both axes, the macro and micro ones.

KEYWORDS: sociology of language; Fishman; macrosociolinguistics; microsociolinguistics.

1 INTRODUÇÃO

O estabelecimento da sociolinguística americana como área da linguística foi influenciado fortemente por um conjunto de eventos acadêmicos realizados na universidade de Indiana, no campus de Bloomington, associados ao Instituto LSA (*Linguistic Society of America*), no verão de 1964, que reuniu vários pesquisadores, como John Gumperz, Dell Hymes, John Fischer, Charles Ferguson e William Labov, dentre outros (Fishman, 1985). Esse grupo “[...] representou uma série de tradições de pesquisa bastante diferentes – geografia linguística, contato linguístico, mudanças históricas, etnografia e planejamento linguístico” (Shuy, 2003, p. 11, tradução nossa)¹ –, temas que se distribuem em três campos que são a raiz da sociolinguística: a dialetologia, a antropologia e a sociologia. A despeito desse evento ser tomado como marco fundante da área, registre-se que Fishman já lecionava a disciplina de Sociologia da Linguagem havia cinco anos, o que culminou com a publicação de *Readings in the Sociology of Language*, em 1968 (García; Schiffman, 2006). Koerner (1991) acrescenta, ainda, a essa base da sociolinguística americana, a linguística histórica, destacando que a área recebeu forte influência da sociologia e da psicologia. Dessa forma, “[...] [u]ma definição abrangente seria que o domínio de investigação da sociolinguística é a interação entre linguagem, cultura e sociedade” (Tagliamonte, 2012, p. 2, tradução nossa)², em estreita conexão com as ciências sociais, especialmente a psicologia social, a antropologia, a geografia humana e a sociologia (Trudgill, 2000).

O amplo empreendimento sociolinguístico inicial, dado seu caráter interdisciplinar, naturalmente se deparou com um impasse provocado pelos interesses específicos de cada campo envolvido, do que resultou o surgimento de diferentes vertentes sociolinguísticas. Fishman (1970) situa esse empreendimento em dois eixos com distintas orientações e agendas: o da *microsociolinguística*, ou *sociolinguística em sentido estrito*, e o da *macrosociolinguística*, ou *sociologia da linguagem*³. O autor atribui à microsociolinguística uma orientação etnometodológica, em contraste com uma abordagem de caráter sociológico da macrosociolinguística. Apenas a partir dos anos 1970 é que Fishman teria marcado uma distinção mais explícita entre sociologia da linguagem e sociolinguística (García; Schiffman, 2006). Já Coulmas (1998), desdobrando a proposta de Fishman (1970), assim descreve esses eixos: a microsociolinguística busca averiguar a correlação entre a estrutura social e a estrutura linguística, notadamente entre a estratificação social dos falantes e os padrões de usos linguísticos variáveis; em outras palavras, focaliza a *dimensão social da linguagem* (a linguagem no contexto social). Já a macrosociolinguística estuda o que as sociedades fazem com suas línguas, envolvendo as atitudes que levam à distribuição funcional das formas de falar, à manutenção, mudança ou substituição

¹ No original: “This cadre of participants represented a number of quite different research traditions – linguistic geography, language contact, historical changes, ethnography, and language planning”.

² No original: “An all-encompassing definition would be that the domain of inquiry of sociolinguistics is the interaction between language, culture, and society”.

³ Tagliamonte (2006) reforça o uso dos dois termos genéricos – ‘sociolinguística’ (que envolve a variação/mudança) e ‘sociologia da linguagem’ – para acomodar as diferentes orientações da pesquisa sociolinguística.

da linguagem, à delimitação de comunidades de fala etc.; em outras palavras, focaliza a *dimensão linguística da sociedade* (a interpretação social da linguagem). Essa divisão é contemplada na definição de sociolinguística como “[...] o estudo da linguagem em seu contexto social e o estudo da vida social através da [linguagem]” (Coupland; Jaworski, 1997, p. 1, tradução nossa)⁴.

Cabe mencionar que, embora Coulmas (1998) estabeleça essa distinção entre micro e macrosociolinguística, ele admite que tal divisão é um tanto artificial, não havendo, muitas vezes, uma delimitação nítida, uma vez que os campos compartilham muitos interesses. Por exemplo: Weinreich (1968), estudando contato linguístico, centrou-se nos traços detectados em sistemas linguísticos em contato de comunidades de fala vizinhas. No entanto, o contato linguístico tem uma série de consequências como, por exemplo, pidginização e crioulização, degeneração ou deslocamento da linguagem, code-switching, diglossia. Daí a problematização de Coulmas (1998): Como definir, sem arbitrariedade, quais aspectos devem ser tratados na micro ou na macrosociolinguística? Tagliamonte (2006) sugere que o foco em linguística ou em sociologia e os métodos de análise (por exemplo, abordagem quantitativa ou qualitativa) é que vão diferenciar as vertentes⁵.

A par dessa distinção entre micro e macrosociolinguística e seus desdobramentos, importa, neste artigo, refletir sobre a dimensão social que atravessa os dois eixos da sociolinguística, considerando o campo disciplinar que lhe é inerente: a *sociologia*. Sobre isso, Fishman (2022 [1991], p. 62, grifo nosso) pondera: “Embora seja verdade que cerca de metade de seus avós ou padrinhos iniciais fossem sociólogos, na formação do campo e em seu rápido desenvolvimento mundial por meio de publicações, conferências e cursos, a *metade linguística antropológica superava de maneira clara e constante a outra metade sociológica*”.

A citação sinaliza fortemente para o desequilíbrio de forças entre a antropologia e a sociologia no desenvolvimento interdisciplinar do campo, e o autor ainda indaga: “Por que a sociologia rapidamente se tornou e permaneceu uma parceria tão júnior (ou mesmo silenciosa) na formação da sociolinguística?” (Fishman, 2022 [1991], p. 63). Entre as razões para tal, Fishman (2022, p. 63) menciona o fato de que, por mais de dois séculos, a sociologia moderna ocidental deu pouca atenção às noções de língua e de processos sociais orientados pela língua, de modo que a sociolinguística surgiu “[...] já marcada com os tópicos, teorias e métodos com os quais os linguistas ‘simpatizantes da sociedade’, particularmente linguistas antropológicos, já eram familiarizados, o que definitivamente não incluía a sociologia disciplinar”. O autor, em tom irônico e provocativo, afirma que, na sociolinguística, a sociologia permanece associada à estratificação social (por idade, sexo, classe, religião e/ou etnia), informação “[...] que qualquer pessoa inteligente poderia obter, no máximo, do *New York Times*, ou de apenas uma observação pessoal informal do mundo circundante” (Fishman, 2022, p. 65).

Ainda nessa direção, Fishman (2022) fala em uma crise de meia-idade na sociolinguística, considerando que ela avançou em relação à *língua* e, metodologicamente, em uma *abordagem de caráter antropológico*, mas deixou para trás o *social*⁶. O autor propõe então, em um texto de 1991, que se *devolva o social à sociolinguística*, buscando uma interdisciplinaridade com a sociologia. Segundo Fishman (2022 [1991], p. 75):

Não deve haver uma terceira e, ainda, quarta geração de sociolinguistas sociologicamente inocentes e ignorantes! Deve haver um empenho multiteórico e multimetodológico para se evitar que isso aconteça, um esforço que inevitavelmente ampliará as contribuições sociológicas para a sociolinguística, transformando a sociolinguística (pelo menos em suas macrorrealizações) em uma área que é tão informada sobre sociologia e sociedade, como é sobre linguística e língua.

⁴ No original: “[...] the study of language in its social contexts and the study of social life through linguistics”.

⁵ Não obstante a ressalva feita por Coulmas (1998) acerca do caráter relativamente arbitrário da divisão, em *The handbook of sociolinguistics*, editado por ele, a dimensão social da linguagem e a dimensão linguística da sociedade são separadas em partes distintas. Note-se também que Fasold (1984, 1990) publicou dois volumes para tratar desses dois níveis: *The sociolinguistics of society* (macro) e *The sociolinguistics of language* (micro).

⁶ A antropologia está ainda fortemente presente em articulações com a sociolinguística, em abordagens interacionais do comportamento linguístico; na etnografia da fala; e em estudos variacionistas das chamadas segunda e terceira onda (Eckert, 2022 [2012]), assim caracterizados, respectivamente: estudos que operam com categorias locais e afiliação identitária a determinado grupo; e estudos que colocam em evidência o papel agentivo dos sujeitos nas práticas linguísticas que são vistas como estilísticas.

Tendo essa contextualização como pano de fundo, nosso objetivo é refletir sobre como a sociologia da linguagem – em sua relação com a macro e a microssociolinguística – se organiza enquanto campo do saber, o que inclui sua delimitação, os temas, a orientação teórico-metodológica e os objetos. Interessa-nos averiguar o percurso histórico de constituição da sociologia da linguagem na sua relação com a sociolinguística, atentando para a maneira como essa constituição influenciou e foi influenciada, também, pela definição do próprio campo sociolinguístico. A seguir, exploramos a emergência e consolidação do campo da sociologia da linguagem em diálogo com a noção de macrossociolinguística, com base nos trabalhos de Joshua Fishman. Na sequência, discorreremos sobre a microssociolinguística e a sua relação com a sociologia da linguagem, a partir dos estudos de William Labov.

2 SOCIOLOGIA DA LINGUAGEM E A MACROSSOCIOLOGUÍSTICA

Joshua Fishman pode ser considerado o fundador do campo da Sociologia da Linguagem (SL), conforme defendido por García e Schiffman (2006) em artigo que retoma o percurso e o impacto de mais de mil trabalhos do autor publicados na formação de pesquisadores em diferentes partes do mundo. Fishman também foi o criador da *Revista Internacional de Sociologia da Linguagem* (*International Journal of Sociology of Language*), em 1974, cuja editora emérita é Ofelia García, sua ex-aluna e parceira intelectual. Essa revista, em conjunto com os trabalhos seminais de Fishman sobre a sociologia da linguagem, bem como de suas parcerias intelectuais, contribuem para demarcar institucional, teórica e metodologicamente o campo. Para explorar a emergência do campo e sua relação com a macrossociolinguística, nos apoiamos em Fishman (1968, 1971, 1985, 1991), em escritos biográficos referentes a sua trajetória (García; Schiffman, 2006; García, 2015) e na orientação temática da *Revista Internacional de Sociologia da Linguagem*.

Registre-se, a título de curiosidade, que o livro *Reading in Sociology of Language* (Fishman, 1968) foi dedicado à memória de Uriel Weinreich, orientador e parceiro de trabalho de William Labov. Esse fato ilustra a maneira como as relações acadêmicas entre diferentes membros fundantes das várias orientações sociolinguísticas eram próximas e mutuamente influentes. Nessa obra, Fishman (1968) agrupa uma série de capítulos de diferentes autores em sete seções, que dão um indício do escopo teórico e temático do campo nascente: perspectivas sobre a sociologia da linguagem; a linguagem em interações de pequenos grupos; a linguagem em setores e estratos sociais; reflexões sobre a linguagem em organizações socioculturais; multilinguismo; manutenção e mudança linguística; e contextos sociais e as consequências do planejamento linguístico. O livro agrupa representantes das diferentes vertentes sociolinguísticas – William Labov, Uriel e Max Weinreich, Charles Ferguson, John Gumperz, Einar Haugen, Dell Hymes, entre outros nomes. Destaque-se, ainda, um texto assinado por Clifford Geertz, considerado o fundador da antropologia interpretativa. Esse grupo relativamente heterogêneo de autores e autoras ressalta a dimensão plural e interdisciplinar do campo da sociologia da linguagem para além das áreas de sociologia e de linguagem, como pontuado por García e Schiffman (2006, p. 5, tradução nossa): “Seu empreendimento intelectual é pautado em linguagem na sociedade, mas também abrange psicologia, ciência política, antropologia, história, educação, geografia, religião e literatura”⁷.

Na introdução da referida obra, Fishman (1968, p. 5, tradução nossa) apresenta uma definição de sociologia da linguagem: “A sociologia da linguagem representa uma das várias abordagens recentes para o estudo da covariação sistematizada da linguagem e da sociedade”⁸. O conceito de linguagem, nesse mesmo texto, é ampliado para incluir desde códigos até variedades regionais, de classe e estilísticas, cujo funcionamento pode ser analisado seja pela ótica das práticas comunicativas, seja pelo viés das normas idealizadas. Além disso, as análises linguísticas poderiam contemplar tanto elementos fonético-fonológicos até vocabulário, sintaxe e padrões de uso linguístico; já o recorte sociológico poderia incluir desde interações face a face e de pequenos grupos até interações mais amplas, envolvendo agrupamentos sociais e nações.

Fishman (1968) defende um olhar sensível a vários elementos sociológicos – heterogeneidade, permeabilidade, papéis sociais, contexto de interação, entre outros – como relevante para uma análise do funcionamento da linguagem. Reconhece-se, portanto, a

⁷ No original: “His intellectual enterprise is grounded in language in society, but also encompasses psychology, political Science, anthropology, history, education, geography, religion and literature”.

⁸ No original: “The sociology of language represents one of several recent approaches to the study of the patterned co-variation of language and society”.

natureza amplamente variável da linguagem e da sociedade e a possibilidade de uma análise da relação entre comportamentos linguístico e social. Em um texto posterior, Fishman (1971, p. 217, tradução nossa) apresenta uma definição mais alargada do campo, para incluir a relação dos usos linguísticos com o comportamento humano e a esfera social: “A sociologia da linguagem examina a interação entre esses dois aspectos do comportamento humano: o uso da linguagem e a organização social do comportamento”⁹, o que inclui não apenas a descrição de usos, mas também as atitudes linguísticas sobre os usos e os falantes. Trata-se de considerar a maneira como linguagem e sociedade se afetam mutuamente e oferecem reflexões relevantes para a linguística e a sociologia.

Vale lembrar que o doutorado de Fishman foi na área de psicologia social, concluído em 1953, sobre o tema “Estereótipos negativos em relação aos americanos entre crianças nascidas nos Estados Unidos que recebem vários tipos de educação voltada para grupos minoritários” (*Negative Stereotypes Concerning Americans among American-born Children Receiving Various Types of Minority-group Education*). A dimensão interdisciplinar de sua pesquisa – envolvendo a relação entre linguagem, psicologia e comportamento social – foi constitutiva de sua formação acadêmica e profissional (García; Schiffman, 2006). Curiosamente, na introdução de *Reading in Sociology of Language*, Fishman se define como docente de Psicologia e Sociologia (Universidade Yeshiva). Entendemos que a emergência de um novo campo de saber envolve, também, alianças e políticas institucionais; nesse caso, a relação institucional de Fishman com as disciplinas de Psicologia e Sociologia revela a sua atuação política como fundador de um campo interdisciplinar e sociologicamente marcado e orientado.

Sobre a relação entre os termos “sociolinguística” e “sociologia da linguagem”, embora, de acordo com o autor, ambos pudessem ser usados de maneira intercambiável (Fishman, 1968), a escolha de Fishman pelo segundo termo é justificada da seguinte maneira: destina-se a um público interessado na relação entre comportamento social e uso linguístico; e elege a sociedade como uma dimensão mais ampla do que a linguagem, fornecendo o contexto no qual os comportamentos linguísticos são analisados. Diferentemente da sociologia da linguagem, a sociolinguística operaria de maneira inversa, priorizando os comportamentos linguísticos. Registre-se que, nos trabalhos de 1972 (*Language in Sociocultural Change*), Fishman expressaria dúvidas sobre o uso do termo “sociolinguística”, pois remeteria a uma certa prioridade linguística em detrimento do social; a partir de então, o uso do termo sociologia da linguagem por Fishman teria se tornado dominante em suas publicações (García; Schiffman, 2006).

Fishman (1968, p. 6) justifica a presença de sociolinguistas em sua obra de 1968 pela disposição de adotarem um olhar sensível e simpático às produções “da outra área”. Note-se que a distinção inicial entre ambos os campos – sociologia da linguagem e sociolinguística – inclui tanto o grau de importância atribuído à dimensão sociológica como a disposição para um diálogo com a sociologia. Por se tratar de um campo novo, a relação mútua entre sociologia e linguística seria inevitável para a sua consolidação:

Como um campo interdisciplinar recém-desenvolvido, a sociologia da linguagem pode muito bem ser abordada, no momento, seja por meio de temas, conceitos e métodos derivados principalmente da linguística, ou de temas, conceitos e métodos derivados das ciências do comportamento social. Com efeito, é inevitável que temas, conceitos e métodos ‘emprestados’ predominem até que os estudantes de sociologia da linguagem esclareçam um número suficiente de temas, conceitos e métodos que são mais exclusivamente apropriados e mais plenamente integrados em termos de suas próprias necessidades e interesses. Assim, a expressão ‘sociologia da linguagem’ é mais uma indicação de perspectivas voltadas para o futuro do que de perspectivas atuais factíveis ou desejáveis¹⁰. (Fishman, 1968, p. 6, tradução nossa)

Nesse texto de 1968, Fishman evidencia uma aposta na emergência da sociologia da linguagem como novo campo de conhecimento interdisciplinar, que envolve a relação mutuamente constitutiva entre sociologia e linguística. Novos objetos demandariam,

⁹ No original: “The sociology of language examines the interaction between these two aspects of human behavior: use of language and the social organization of behavior”.

¹⁰ No original: “As a newly developing interdisciplinary field the sociology of language may well be approached, at the present time, either via topics, concepts and methods primarily derived from linguistics, or via topics, concepts and methods derived from the sciences of social behavior. Indeed, it is inevitable that ‘borrowed’ topics, concepts and methods will predominate until students of the sociology of language clarify a sufficient number of topics, concepts and methods that are more uniquely appropriate and more fully integrated in terms of their own needs and interests. Thus, the expression ‘sociology of language’ is more an indication of future-oriented perspectives than of currently feasible or desirable differentiation and delimitation”.

portanto, um novo campo analítico interdisciplinar que fosse capaz de lidar com fenômenos como multilinguismo e bilinguismo, padronização linguística e Estados nacionais, etnicidade e linguagem, formação de grupos e padrões de socialização, usos linguísticos e dinâmicos, redes e comportamentos sociais, entre outros. Tanto a sociologia da linguagem como a sociolinguística enfrentavam, assim, o desafio de expandir seu escopo de análise para além dos limites de uma linguística formal e estrutural fortemente presente no contexto acadêmico americano da época (Fishman, 1968).

Em um diagnóstico realizado quase vinte anos depois, Fishman (1985, p. 114, tradução nossa) traça a seguinte avaliação referente à relação entre a sociologia da linguagem e a sociolinguística:

Entre os dois campos, ‘o estado da união’ dentro da sociolinguística/ sociologia da linguagem tem sido bastante desequilibrado. Os sociolinguistas continuaram a ser formados com muito mais frequência em linguística do que em sociologia, sendo esta última muitas vezes considerada útil apenas para exposição e orientação informais, em vez de ser considerada um corpo substantivo e formal de habilidades técnicas e proposições teóricas.¹¹

As citações acima revelam que a diferença entre sociolinguística e sociologia da linguagem tem relação direta com a maneira como o diálogo com a sociologia se evidencia: para a primeira, de maneira acessória, para a segunda, como constitutiva em termos de temas, conceitos e métodos. Dessa distinção também é possível depreender uma outra, envolvendo a relação entre análise de nível micro e análise de nível macro na sociologia da linguagem (Fishman, 1971): enquanto a primeira seria mais orientada pela dimensão linguística, a segunda estaria focada na dimensão social e nos processos sociais. Fishman (1971) afirma que o nível micro da sociologia da linguagem é mais amplo do que as análises estritamente linguísticas, pois consideraria a dimensão contextual. Esse nível também teria uma orientação metodológica etnográfica, constituindo-se como um dos níveis da investigação sociolinguística. Para Fishman (1971), os níveis não se diferenciam em termos de graus, mas de propósito e método. A fronteira entre ambos os níveis na SL se daria pelo tipo de análise: “A análise situacional da linguagem e do comportamento representa a fronteira entre os níveis micro e macro da sociologia da linguagem”¹². Ademais, a fronteira que divide ambos os níveis pode ser complicada, uma vez que há uma mútua relação entre eles, especialmente dado o caráter heterogêneo da SL, conforme afirma Fishman (1971, p. 258, tradução nossa):

A sociologia da linguagem não é nem metodológica e nem teoricamente uniforme. No entanto, é gratificante notar que, para aqueles que buscam vínculos, há relação entre constructos e métodos micro e macro [...]. Assim como não há interação verbal socialmente descompromissada, também não há relações de grande escala entre a linguagem e a sociedade que não dependam da interação individual para a sua realização. Embora não haja uma relação mecânica parte-todo entre eles, os níveis micro e macro da sociologia da linguagem são conceitual e metodologicamente complementares.¹³

A relação entre as dimensões micro e macro também se evidencia no uso dos termos microssociolinguística e macrossociolinguística. Como temas abordados pela macrossociolinguística, por exemplo, Fishman (1985) elenca os fenômenos de diglossia, manutenção linguística e educação linguística. O funcionamento conceitual da macrossociolinguística estaria em consonância, segundo Fishman (1985), com a macrossociologia¹⁴; nessa mesma direção, a relação entre macrossociologia da linguagem e microssociolinguística estaria em conformidade com a relação entre macrossociologia e microssociologia¹⁵. Além

¹¹ No original: “Between the two fields, ‘the state of the union’ within sociolinguistics/sociology of language has long been rather unbalanced. Sociolinguists have continued to be far more often trained in linguistics than in sociology, the latter often being considered useful only for informal exposure and orientation rather than as a substantive and formal body of technical skills and theoretical propositions”.

¹² No original: “No original: “The situational analysis of language and behavior represents the boundary area between microlevel and macrolevel sociology of language”.

¹³ No original: “The sociology of language is neither methodologically nor theoretically uniform. Nevertheless, it is gratifying to note that for those who seek such ties the links between micro- and macro-constructs and methods exist (as do a number of constructs and methods that have wide applicability through the entire range of the sociology of language). Just as there is no societally unencumbered verbal interaction so are there no large scale relationships between language and society that do not depend on individual interaction for their realization. Although there is no mechanical part-whole relationship between them microlevel and macrolevel sociology of language are both conceptually and methodologically complementary”.

¹⁴ No original: “Macrosociolinguistics is integrated conceptually as is macrosociology as a whole”.

disso, dada a natureza interdisciplinar, a dimensão macro da sociologia da linguagem de pesquisa contribuiria tanto com a sociolinguística como com a sociologia. Nesse mesmo texto de 1985, Fishman parece reconhecer que a macrosociolinguística é sinônimo de sociologia da linguagem, sendo que esta assumira dois níveis, um macro e outro micro, estando ambos necessariamente integrados à dimensão social: “Dentro da macrosociologia da linguagem ou entre ela e sua contraparte micro, a integração existe no reconhecimento dos contextos sociais concomitantes ao uso da linguagem, às atitudes linguísticas e, até certo ponto, às estruturas linguísticas per se”¹⁶ (Fishman, 1985, p. 125, tradução nossa). Dada a sua orientação sociológica, a macrosociolinguística teria o potencial de trazer contribuições empíricas e teóricas para a sociologia, o que evidencia a sua potencial relação interdisciplinar: “A contribuição teórica fundamental da teoria macrosociolinguística para a sociologia pode residir no rico potencial da primeira para estimular o repensar empírico e teórico de fenômenos sociais afiliativos como processos sociais normais e básicos, e não como aberrações periféricas.” (Fishman, 2022 [1991], p. 74).

Em face desse panorama, quase trinta anos após o texto seminal de 1968, que lançava um projeto de constituição da área de sociologia da linguagem, Fishman (1991) avalia que a sociolinguística estaria vivenciando uma espécie de crise de identidade, conforme mencionado na introdução deste artigo, especialmente no que se refere a sua dimensão macro:

No meu modo de pensar, o empreendimento sociolinguístico atravessa hoje uma crise de meia idade, particularmente entre aqueles engajados em seus aspectos mais macro (como a maioria de nós é, pelo menos em parte do tempo, e como alguns de nós são na maior parte do tempo). E uma das razões dessa crise é que em vez de progredir firmemente com suas duas pernas (uma impulsionada por questões ‘linguísticas’ e a outra por questões ‘sócio’), a macrosociolinguística está tentando avançar principalmente na primeira, enquanto apenas se embaralha ou se atrapalha na segunda. (Fishman, 2022 [1991], p. 61)

A despeito desse diagnóstico pessimista feito por Fishman (1991), García e Schiffman (2006) parecem mais otimistas na avaliação que fazem da consolidação da sociologia da linguagem, em consonância com o reconhecimento que os trabalhos de Fishman tiveram na formação intelectual de gerações de sociolinguistas e do sucesso da *Revista Internacional de Sociologia da Linguagem*, comprometida com três elementos fundantes da área: interdisciplinaridade, caráter interacional e enfoque macrosociolinguístico (García; Schiffman, 2006). Devido ao papel de destaque de Fishman na formação e consolidação do campo, segundo os autores, a sociologia da linguagem poderia ser rotulada como sociolinguística fishmaniana (talvez em contraponto à sociolinguística laboviana), contemplando os seguintes temas: linguagem e comportamento, multilinguismo, mudança/manutenção/reversão da mudança linguística, difusão linguística, atitudes linguísticas, etnicidade/nacionalismo/identidade e poder, religião e linguagem, política e planejamento linguístico, educação bilíngue e educação de minorias linguísticas.

Vale registrar, ainda, que Fishman defendia uma expansão da sociolinguística, de forma que as dimensões micro e macro se afetassem mutuamente, fomentando uma abordagem integrativa e não excludente: “Espero que os vínculos entre micro e macro se tornem cada vez mais fortes [...] sem pontes as lacunas entre micro e macro crescerão [...] O meio termo é representado pela visão que invoca a relação entre eventos pequenos ou processos e agregados de grande escala ou estruturas [...]”¹⁷ (Fishman, 1972 *apud* García; Schiffman, 2006, p. 10, tradução nossa).

Veremos, na próxima seção, como a sociologia da linguagem e a microsociolinguística se relacionam e se afetam mutuamente, atentando para reflexões contemporâneas.

3 A MICROSSOCIOLOGIA E A SOCIOLOGIA DA LINGUAGEM

⁵ No original: “Likewise, conceptual bridges exist between macro- sociology of language and microsociolinguistics about to the same extent, probably, as they do between microsociology and macrosociology more generally”.

¹⁶ No original: “Within the macrosociology of language or between it and its micro counterpart, integration exists only in a recognition of the social contexts and concomitants of language use, language attitudes, and, to some extent, language structures per se”.

¹⁷ No original: “I hope that the links between micro and macro will become ever stronger [...] without bridges the gaps between micro and macro will grow [...] The middle ground is represented by the vision that calls for the relationship between small events or processes and large scale aggregates or structures [...]”.

Um ponto de consenso entre diversos autores já referidos, associado ao eixo micro da sociolinguística, é que esse eixo concerne ao estudo da *variação e mudança* linguística. Labov (2008 [1972], p. 215-216) separa a abordagem micro que lhe interessa, que é “[...] o estudo da estrutura e da evolução da língua dentro do contexto social da comunidade de fala¹⁸”, da abordagem macro – na qual ele inclui a “sociologia da linguagem”, que “[...] lida com fatores sociais de larga escala e sua interação mútua com línguas e dialetos”, e a “etnografia da fala”, que se ocupa “com os detalhes da língua no uso real”. A chamada sociolinguística laboviana é o nosso ponto de partida nesta seção¹⁹.

A Sociolinguística Variacionista (SV) e a Teoria da Variação e Mudança (TVM)²⁰ desenvolveram-se sistematicamente a partir dos trabalhos de Labov (2006 [1966]), cujo estudo modelar trata da estratificação social do inglês em Nova York. Esse campo de investigação concebe a língua como um sistema heterogêneo constituído por regras variáveis (e também categóricas) – a heterogeneidade ordenada – que podem ser descritas e explicadas. Labov assume uma postura crítica em relação à visão chomskiana idealizada da língua e a consequente exclusão do ingrediente social no estudo da língua; ao que Chambers (1995) denomina axioma da categoricidade; e às dicotomias saussurianas *langue/parole* e sincronia/diacronia, postulando que a língua i) é heterogênea e a variação é inerente a ela; e ii) deve ser estudada a partir de seu uso, tanto num recorte estático como em sua evolução no tempo.

Considerando a dimensão sociológica dos estudos sociolinguísticos, Severo (2007) busca pontos de aproximação entre Labov, Meillet e Durkheim, destacando os seguintes aspectos, entre outros: i) Labov seguiu Meillet na suposição de que no século XX as explicações para o desenvolvimento da linguagem estariam baseadas na análise da mudança linguística tida como consequência de mudanças sociais; ii) Labov acompanhou Durkheim na concepção de língua como fato social: “[...] maneiras de agir, de pensar e de sentir que apresentam essa notável propriedade de existir fora das consciências individuais. [...] Esses tipos de conduta [...] são dotados de uma força imperativa e coercitiva” (Durkheim, 2007, p. 2), com a ressalva de uma certa flexibilização desse poder coercitivo, daí existir uma tensão entre o indivíduo (visto por Durkheim como ator social que tem consciência dos fenômenos sociais) e a sociedade. Essa tensão parece estar, em certa medida, presente em Labov (2008 [1972]), notadamente no que diz respeito ao grau de consciência dos falantes ao avaliarem socialmente as formas variantes – como indicador, marcador e estereótipo –, avaliação que, por envolver noções sociais de prestígio e estigma, exerce influência sobre o processo de variação/mudança da língua.

Do ponto de vista da prática analítica na SV laboviana, são efetuadas amplas correlações entre variáveis de diferentes níveis linguísticos e categorias sociais abstratas (classe, sexo, faixa etária e etnia dos falantes), em busca i) do estabelecimento de padrões sociolinguísticos sincrônicos de variação na comunidade de fala e/ou ii) da identificação de mudanças linguísticas ao longo do tempo observadas na difusão de novos usos por grupos sociais cada vez mais amplos (Labov, 2008 [1972]; Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]). As análises são feitas com o auxílio de ferramentas estatísticas que permitem ao pesquisador identificar tendências probabilísticas de uso e estabelecer generalizações acerca da gramática²¹. Em termos gerais, considera-se que *a estrutura linguística reflete a estrutura social*. Essa é a perspectiva que orienta a chamada primeira onda de estudos variacionistas (Eckert, 2022 [2012]), liderada por Labov. E é basicamente sobre essa visão de sociedade estratificada que condiciona os usos linguísticos que recai

¹⁸ Vale mencionar que Fishman (1971, p. 234-235) define a comunidade de fala (CF) em termos bastante amplos, contemplando tanto pequenos grupos como agrupamentos heterogêneos e amplos, conforme se vislumbra a seguir: “[...] some speech communities and their linguistic repertoires are preserved primarily by communication gaps that separate them from other communities and their repertoires. Other speech communities and their repertoires are preserved primarily by the force of symbolic (attitudinal) integration even in the absence of face-to-face interaction. Many speech communities contain networks of both types. Many networks contain both kinds of members [...] A basic definitional property of speech communities is that they are not defined as communities of those who ‘speak the same language’ (notwithstanding Bloomfield 1933), but, rather, as communities set off by density of communication or/and by symbolic integration with respect to communicative competence regardless of the number of languages or varieties employed (Gumperz 1964a). The complexity of speech communities thus defined varies with the extent of variation in the experiential and attitudinal networks which they subsume. Speech communities can be so selected as to include greater or lesser diversity on each of these grounds”. Seria relevante desdobrar as diferenças e semelhanças de concepção de CF segundo Fishman e Labov, atentando para em que medida a dimensão sociológica opera como elemento definidor.

¹⁹ Observe-se que, em alguns de seus trabalhos, Labov também discute questões que envolvem identidade, atitudes linguísticas e planejamento linguístico, sempre associadas a fenômenos linguísticos variáveis. Nosso foco de discussão neste ponto é a questão da estrutura linguística.

²⁰ Na literatura da área, é comum encontrarmos as denominações Sociolinguística Variacionista e Teoria da Variação e Mudança tomadas uma pela outra.

²¹ Por lidar com grande volume de dados, a SV é, por vezes, chamada de Sociolinguística Quantitativa.

a crítica de Fishman (2022 [1991]), mencionada anteriormente, e de outros autores, como Coupland (2016), Bell (2016) e Eckert (2018). Não obstante as críticas, continua válida a afirmação de Figueroa (1994, p. 69, tradução nossa) de que a perspectiva laboviana “[...] se tornou sinônimo de sociolinguística em muitos círculos linguísticos e, apesar dessa tendência ter enfraquecido, a influência de Labov no desenvolvimento da sociolinguística moderna não deve ser subestimada”²².

Ao abordar a questão da sociolinguística na era global, Coupland (2010) enfatiza as diferenças na relação entre linguagem e a sociedade que existia nas décadas de 1960/70 e a que existe hoje, em que a globalização instaura uma nova condição social e se constitui num parâmetro a ser considerado para entender a linguagem em sociedade, que é impactada por uma série de fatores, tais como: uma proliferação das tecnologias de comunicação com um incremento da mediatização da cultura e do consumo; um aumento da mobilidade demográfica e da permeabilidade de fronteiras; um desenvolvimento do pluralismo étnico; e uma maior ênfase em projetos individuais (Görski; Valle, 2021). Os jovens, por exemplo, que se deparavam com marcadores de sexo/gênero e classe mais estáveis nas décadas de 1960/70, têm vivido mudanças expressivas, como aponta Coupland (2016), em razão de: novas formas de trabalho; novas dinâmicas de mobilidade demográfica e espacial, de práticas econômicas, normas culturais, estilos de vida e valores; novas mídias, trocas mediadas eletronicamente e mediatização da diferenciação sociolinguística. O conceito de comunidade é ampliado para além de limites geográficos e da noção de comunidade de fala, sendo mais ligado à noção de agrupamentos mobilizados por forças ideológicas confluentes, como é o caso também das comunidades de práticas, inclusive as virtuais, que são, segundo Davies (2005), comunidades de práticas não prototípicas. A não linearidade que caracteriza a globalização produz tensões: entre o mesmo e o diferente, entre tendências centrípetas e centrífugas, entre o global e o local, entre consenso e fragmentação; e essas tensões provocam rápidas mudanças sociais (Coupland, 2010). Desse modo, mais ativos e menos submetidos a estruturas socioculturais, os indivíduos da pós-modernidade situam-se na *dialética entre estrutura e agência* (Bell, 2016).

Essas mudanças na configuração da sociedade acentuam o desafio posto à área da sociolinguística, que é o de buscar uma aproximação mais consistente com as ciências sociais. Nesse contexto, García (2015, p. 397, tradução nossa), comentando sobre o legado de Fishman para a sociolinguística, traz à tona a ideia de “uma sociolinguística da globalização” (Blommaert, 2010), “[...] atenta para a dinâmica e contingência de categorias sociais, culturais e linguísticas, assim como para o poder que circula e constrói saberes e subjetividades”²³. Na esteira dessas mudanças, Bell (2016) pondera que a sociolinguística do século XXI tem se movido na direção de tornar-se uma disciplina “socialmente constituída” (Hymes, 1997, p. 14), que seja engajada, crítica, intervencionista, que defenda a igualdade linguística e que lide com dados do mundo real, considerando também os meios digitais e os conteúdos produzidos em contextos periféricos. Essa ideia está em consonância com o compromisso de Fishman com a justiça social e com a valorização da periferia expressa por ele, que, no caso, se referia a línguas minoritárias: “A periferia amplia e esclarece. Acima de tudo, ela se recusa a aceitar as coisas como são. Ela se recusa a confundir o periférico com o não importante, ou a fragilidade em números ou em poder com fraqueza face à igualdade, justiça, lei e moralidade” (Fishman, 1990, p. 113, tradução nossa)²⁴.

Também atento a uma sociolinguística renovada, Coupland (2016) sugere a substituição do termo mudança linguística por *mudança sociolinguística*, de modo a contemplar não só o que vem mudando na língua, mas também o que vem mudando na sociedade e como essas estruturas se impactam mutuamente. O autor sugere alguns questionamentos que deveriam nortear as práticas dos sociolinguistas: “Como estão o mundo social da linguagem e o uso da linguagem aqui e agora, em oposição a acolá, e como isso vem mudando? A linguagem está assumindo uma importância nova e maior ou menor em termos de aspectos

No original: “[...] has become synonymous with sociolinguistics in many linguistics circles and though this trend has weakened, the influence of Labov over the development of modern sociolinguistics should not be underestimated”.

²³ No original: “[...] a sociolinguistics of globalization, pays attention to the dynamics and contingency of social, cultural and linguistic categories, as well as the power that circulates and constructs knowledge and subjectivities”.

²⁴ No original: “The periphery magnifies and clarifies. Above all, it refuses to take matters for granted. It refuses to confuse peripherality with unimportance, or weakness in numbers or in power, with weakness vis-a-vis equity, justice, law and morality”.

específicos? A vida social está mudando em virtude de novas orientações e novos usos da linguagem?”²⁵ (Coupland, 2016, p. 435, tradução nossa)

O que Bell (2016) e Coupland (2016) estão propondo contempla, de certa maneira, a crítica de Fishman (2022 [1991]) de que o *sócio* do empreendimento sociolinguístico – mais especificamente relacionado a sociológico – foi deixado de lado ao longo do tempo. Ainda na esteira das mudanças, Androutsopoulos (2016) dá relevo às práticas midiáticas de linguagem, salientando as mudanças que promovem tanto na comunicação humana e nas práticas culturais como nas formações sociais, influenciando, por exemplo, a (re)construção de tipos sociais/personas/identidades. Do ponto de vista linguístico, a emergência de novos usos e sua difusão, associada a estilos identitários, repercutem em mudanças sociais, de modo que a variação linguística não é somente impulsionadora de mudança linguística, mas pode ser também um componente importante de mudança social (Eckert, 2016a). Essa visão sugere que linguagem e sociedade não devem ser tomadas como separadas (o social não é externo à língua); que a língua é parte de um sistema semiótico social dinâmico e não é apenas estrutura, mas é prática, mais especificamente prática social e estilística; que “a língua não muda por acaso – língua é mudança” (Eckert, 2016a, p. 13, tradução nossa)²⁶. Essa é a perspectiva assumida pelos estudos variacionistas de terceira onda, que, ao darem destaque à agência do sujeito, consideram que a *variação não reflete o significado social, mas (re)constrói o significado social*, e que a variação, atuando na construção e projeção de personas, também desempenha um papel na contínua mudança social.

Na terceira onda,

[...] opera-se com um conjunto de novas teorias sociais, advindas de autores como Giddens (2002), Bauman (2005), Bourdieu (2009, 2011) e Hall (2015), dentre outros, que têm em comum, dentre outros aspectos, a concepção de “sujeito pós-moderno”: o sujeito que, a partir do século XXI, é fragmentado, móvel, dado o colapso de identidades tradicionais, muito ligadas ao local (geográfico), o que conduz o campo sociolinguístico à perspectiva de estilos e identidades múltiplas (Lacerda; Görski; Paza, 2022, p. 20).

Uma teoria da variação robusta, como propõe Eckert (2016b), deve integrar as práticas estilísticas individuais com padrões macrosociológicos, de modo que os significados associados a variantes no nível mais local, pela indexicalização de identidades/personas, posturas e ideologias, emergem relacionados a padrões sociais mais amplos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, buscou-se contextualizar a emergência da sociologia da linguagem como campo de saber em relação a duas dimensões teórico-metodológicas: a macrosociolinguística e a microsociolinguística. Explicitou-se o legado de Fishman para o nascimento da área e a sua consolidação no decorrer de meio século, o que se evidencia não apenas por sua ampla produção acadêmica, mas também por sua forte influência na formação de pesquisadores. Trabalhos realizados sob essa orientação teórico-metodológica podem ser exemplificados pelos artigos publicados na *Revista Internacional Sociology of Language*, criada em 1974 e ativa até o momento atual, com seis edições sendo publicadas anualmente. Importante registrar que, a despeito da grande influência que Fishman teve no campo da sociolinguística, de forma geral, e da sociologia da linguagem, de forma específica, sua vasta obra teve pouca repercussão no cenário sociolinguístico brasileiro, conforme atestam Severo e Görski (2017), que, ao analisarem duas revistas acadêmicas de reconhecido impacto acadêmico – *Revista Brasileira de Ciências Sociais* e *Revista DELTA* –, identificaram apenas dois artigos nesta última concernentes à relação explícita entre os campos da sociologia e da sociolinguística. Essa fragilidade de um diálogo interdisciplinar mais robusto no cenário brasileiro pode ser empiricamente confirmada pela visível preponderância da teoria da variação e mudança tomada como sinônimo de sociolinguística. Uma simples análise de ementas e referências bibliográficas da disciplina de Sociolinguística das principais universidades públicas brasileiras pode revelar essa priorização. Além disso, o apagamento dos trabalhos de Fishman no cenário acadêmico da sociolinguística brasileira também se verifica pelo número

²⁵ No original: “How does the social world of language and language use stand now, here as opposed to there, and how is it changing? Is language taking on new, more, or less significance in particular respects? Is social life changing by virtue of new orientations to, and new uses of, language?”

²⁶ No original: “Language does not just happen to change – language *is* change.”

restrito de traduções de seus trabalhos. Mencionamos a existência de apenas três por nós identificados: Fishman (1974), *A sociologia da linguagem*; Fishman (2022), *Devolvendo a sócio ao empreendimento sociolinguístico*; e Fishman (no prelo), *O estudo das atitudes linguísticas*.

Não obstante o cenário negativo presenciado por Fishman nos anos 1990 sobre a dissociação entre sociolinguística e sociologia, pesquisas revelam o empenho que a microssociolinguística – ou a sociolinguística orientada para os estudos de variação e mudança – tem demonstrado no avanço sociológico do campo, especialmente com os trabalhos de terceira onda, comprometidos, por exemplo, com os significados sociais e estilísticos dos usos linguísticos e o papel dos sujeitos na co-construção desses significados. No âmbito da macrossociolinguística, estudos de bilinguismo têm sido expandidos a partir de reflexões sobre cenários linguísticos mais fluidos, a exemplo dos conceitos de translanguagem, práticas transidiomáticas e multilinguismos do Sul Global, para mencionar apenas alguns. Registre-se, ainda, na macrossociolinguística, o percurso dos estudos sobre políticas e planejamentos linguísticos que, de uma visão mais instrumental e técnica presente nos trabalhos de 1960-1970, expandiu-se para acolher olhares críticos (a partir dos anos 1980), com clara influência de teorias sociológicas e políticas (Severo, 2022). Além disso, reflexões sobre revitalização de línguas minoritárias têm reconhecido a posicionalidade de pesquisadores locais como autores de suas políticas de valorização linguística, como no caso das línguas indígenas (Leonard, 2017). Esses exemplos ilustram a maneira como o campo da sociolinguística – a partir das indagações feitas por Fishman e do empreendimento da sociologia da linguagem – ainda reivindica olhares integrados, seja à dinâmica social, seja às abordagens e interpretações sociológicas contemporâneas.

REFERÊNCIAS

- ANDROUTSOPOULOS, J. Theorizing media, mediation and mediatization. In: COUPLAND, N. (ed.). *Sociolinguistics: theoretical debates*. New York: Cambridge University Press, 2016. p. 282-302.
- BELL, A. Succeeding waves: seeking sociolinguistics theory for the twenty-first century. In: COUPLAND, N. (ed.). *Sociolinguistics: theoretical debates*. New York: Cambridge University Press, 2016. p. 391-416.
- BLOMMAERT, J. *The sociolinguistics of globalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- COULMAS, F. Introduction. In: COULMAS, F. (ed.). *The handbook of sociolinguistics*. Blackwell Publishing, 1998. p. 1-11.
- COUPLAND, N.; JAWORSKI, A. Introduction. In: COUPLAND, N.; JAWORSKI, A. (ed.). *Sociolinguistics: a reader*. New York: St. Martin's Press, 1997. p. 1-3.
- COUPLAND, N. Introduction: Sociolinguistics in the global era. In: COUPLAND, N. (ed.). *The handbook of language and globalization*. Malden: Wiley-Blackwell, 2010. p. 1-27.
- COUPLAND, N. Five Ms for sociolinguistic change. In: COUPLAND, N. (ed.). *Sociolinguistics: theoretical debates*. New York: Cambridge University Press, 2016. p. 433-451.
- DAVIES, B. Communities of practice: Legitimacy not choice. *Journal of Sociolinguistics*, v. 9, n. 4, p. 557-581, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1360-6441.2005.00306.x>. Acesso em: 22 set. 2022.
- DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. 3. ed. Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ECKERT, P. Third wave variationism. *Oxford Handbooks Online*, 2016a. DOI: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199935345.013.27>. Acesso em: 11 ago. 2022.

ECKERT, P. Variation, meaning and social change. In: COUPLAND, N. (ed.). *Sociolinguistics: theoretical debates*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016b. p. 68-85.

ECKERT, P. *Meaning and linguistic variation: the third wave in sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. Disponível em: https://librarylinguistics.files.wordpress.com/2019/04/meaning_and_linguistic_variation.pdf. Acesso em: 11 ago. 2022.

ECKERT, P. As três ondas do estudo da variação: a emergência do significado no estudo da variação sociolinguística. Trad. Samuel Gomes de Oliveira, Lívia Majolo Rockenbach e Athany Gutierrez. *Organon*, Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 268-291, jan./jun. 2022 [2012]. DOI: <https://doi.org/10.22456/2238-8915.122962>. Acesso em: 21 out. 2022.

FASOLD, R. *The sociolinguistics of society*. Oxford: Blackwell, 1984.

FASOLD, R. *The sociolinguistics of language*. Oxford: Blackwell, 1990.

FIGUEROA, E. *Sociolinguistic metatheory*. Oxford: Pergamon Press, 1994.

FISHMAN, J. A. My life through my work: My work through my life (autobiography). In: KOERNER, E. F. K. (ed.). *First person singular II*. Amsterdam: John Benjamins, 1990. p. 105-124.

FISHMAN, J. A. Devolvendo a 'sócio' ao empreendimento sociolinguístico. Trad. Cristine G. Severo. In: SEVERO, C. G. (org.). *Políticas e direitos linguísticos: revisões teóricas, temas atuais e propostas didáticas*. São Paulo: Pontes, 2022. p. 61-77.

FISHMAN, J. A. *Readings in the Sociology of Language*. Berlin: De Gruyter Mouton, 1968.

FISHMAN, J. A. The Sociology of Language: an interdisciplinary social science approach to language in society. In: FISHMAN, J. A. (ed.). *Basic Concepts, Theories and Problems: Alternative Approaches*. Berlin: De Gruyter Mouton, 1971. p. 217-404.

FISHMAN, J. A. Macrosociolinguistics and the sociology of language in the early eighties. *Annual review of sociology*, v. 11, p. 113-27, 1985. DOI: [10.1146/annurev.so.11.080185.000553](https://doi.org/10.1146/annurev.so.11.080185.000553). Acesso em: 21 out. 2022.

FISHMAN, J. A. Putting the 'socio' back in the sociolinguistic enterprise. *International Journal of the Sociology of Language*, v. 92, p. 127-138, 1991. DOI: [10.1515/ijsl.1991.92.127](https://doi.org/10.1515/ijsl.1991.92.127). Acesso em: 21 out. 2022.

FISHMAN, J. A. O estudo das atitudes linguísticas. Trad. Cristine G. Severo. *Revista Fórum Linguístico*, v. 20, n. 4, 2023.

GARCÍA, O. Obituary Joshua A. Fishman 1926-2015. *Journal of Sociolinguistics*, v. 19, n. 3, p. 391-399, 2015. Disponível em: <https://ofeliagarcia.org.files.wordpress.com/2011/02/jofsociolingfishmanobituary.pdf>. Acesso em: 21 out. 2022.

GARCÍA, O.; SCHIFFMAN, H. Fishmanian sociolinguistics (1949 to the present). In: GARCÍA, O; PELTZ, R.; SCHIFFMAN, H. (ed.). *Language loyalty, continuity and change: Joshua A. Fishman's contributions to international sociolinguistics*. Clevedon & New York: Multilingual Matters, 2006. p. 3-68.

GÖRSKI, E. M.; VALLE, C. R. M. A dinâmica do significado social na gramaticalização: desafios para uma abordagem sociofuncionalista. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista v. 19, n. 4 p. 183-207, dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.22481/el.v19i4.9278>. Acesso em: 21 out. 2022.

HYMES, D. The scope of sociolinguistics. In: COUPLAND, N.; JAWORSKI, A. (ed.). *Sociolinguistics: a reader*. London: Macmillan Education, 1997. p. 12-22.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. 2. Ed. Washington: Center for Applied Linguistics; Cambridge: Cambridge U. Press, 2006 [1966].

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LACERDA, M. L.; GÖRSKI, E. M.; PAZA, C. R. M. A terceira onda variacionista: continuidade ou descontinuidade de fases? *Revista da Abralin*, v. 21, n. 1, p. 1-27, 2022. DOI [10.25189/rabralin.v21i1.2070](https://doi.org/10.25189/rabralin.v21i1.2070). Acesso em: 20 jan. 2023.

LEONARD, W. Producing language reclamation by decolonising 'language'. In: LEONARD, W.; DE KOME, H. (ed.). *Language Documentation and Description*, 14. London: El Publishing, 2017. p. 15-36.

SEVERO, C. G. *Por uma perspectiva social dialógica da linguagem: repensando a noção do indivíduo*. 255f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SEVERO, C. G. Políticas linguísticas e direitos linguísticos: revisão teórica e desafios contemporâneos. In: SEVERO, C. G. (org.). *Políticas e direitos linguísticos: revisões teóricas, temas atuais e propostas didáticas*. São Paulo: Pontes, 2022. p. 25-60.

SEVERO, C.; GÖRSKI, E. On the relation between the sociology of language and sociolinguistics: Fishman's legacy in Brazil. *International Journal of the Sociology of Language*, v. 2017, n. 243, p. 119-132, 2017. DOI [10.1515/ijsl-2016-0048](https://doi.org/10.1515/ijsl-2016-0048). Acesso em: 22 out 2022.

SHUY, R. W. A brief history of American sociolinguistics 1949-1989. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (ed.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Malden: Blackwell Publishing, 2003. p. 4-16.

TAGLIAMONTE, S. A. *Analysing sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

TAGLIAMONTE, S. A. *Variationist sociolinguistics: change, observation, interpretation*. Cambridge: Wiley – Blackwell, 2012.

TRUDGILL, P. *Sociolinguistics: an introduction to language in society*. 4. ed. London: Penguin, 2000.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

WEINREICH, U. *Languages in contact: findings and problems*. The Hague: Mouton, 1968 [1953].



Recebido em 01/02/2023. Aceito em 01/03/2023.